



ORDEM DOS MÉDICOS
COLÉGIO DA ESPECIALIDADE DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR

Recomendação
042.2020

Indicadores de desempenho – Posição do Colégio de Medicina Geral e Familiar

Relator: Armando Brito de Sá

There is now a whole industry devoted to giving doctors orders. In the past there was a huge industry giving doctors *advice*.
James Willis, *Friends in Low Places*, 2001

Introdução

Durante décadas o referencial de desempenho dos Cuidados de Saúde Primários em Portugal era constituído pelo conjunto de normas publicadas pelas Direções Gerais (dos Cuidados de Saúde Primários e, posteriormente, da Saúde) e por organismos nacionais e internacionais de referência, nomeadamente sociedades científicas. Desde o início da carreira de Clínica Geral que se identificou uma tensão entre o que era proposto pelos diferentes organismos e pela realidade vivenciada no terreno pelos profissionais. Em Setembro de 1991, Maria da Conceição Fraga da Costa publica uma análise em que demonstra a impossibilidade de cumprimento das normas da então Direção Geral dos Cuidados de Saúde Primários para uma lista padrão de 1500 utentes.¹ Este problema não é apenas português. Em múltiplos países e contextos tem sido chamada a atenção para a pressão sempre crescente sobre os médicos, muito em particular sobre médicos de família, no sentido de dar cumprimento às solicitações consideradas adequadas por múltiplos grupos específicos, com regras próprias, e que não têm em consideração a globalidade individual e social com a qual o médico de família tem de operar no seu dia-a-dia. James Willis, na obra referenciada em epígrafe, lista 35 instituições britânicas que no início deste século se consideravam idóneas para dar instruções aos médicos de família britânicos para o desempenho das suas funções.²

O problema

Em Portugal o uso explícito de indicadores de desempenho surge com a publicação em 2006, pela Missão para os Cuidados de Saúde Primários, da primeira lista estruturada de indicadores destinada a utilização pelas Unidades de Saúde Familiar, nessa altura em construção.³ A tarefa de desenvolvimento e monitorização dos indicadores de desempenho foi posteriormente assumida pela Administração Central dos Serviços de Saúde, encontrando-se hoje em vigor uma lista de cerca de 300 indicadores com elevada complexidade de apresentação, execução e análise.

O papel dos indicadores também evoluiu. Tendo sido concebidos e desenhados “[...] como um instrumento de uso predominantemente interno, servindo para melhor se perceber onde se está, como se está e que acertos efetuar para que se obtenha o melhor desempenho e melhores resultados de saúde”³ rapidamente se caminhou para um período em que metas associadas aos indicadores se tornaram o centro da negociação entre a tutela e as equipas. Esta manifesta corrupção da intenção



ORDEM DOS MÉDICOS

COLÉGIO DA ESPECIALIDADE DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR

inicial teve como resultado aquilo que muitos denominam como “medicina centrada nos indicadores”, na qual o cumprimento de metas secundariza os benefícios para o cidadão e tem como objetivo primário a manutenção do *status* das unidades. Múltiplos trabalhos têm aliás demonstrado o impacto negativo desta nova metodologia de trabalho na relação médico-paciente, na qual a interferência dos sistemas informáticos se vem progressivamente tornando insuportável.⁴ São igualmente levantadas questões sobre a interferência na autonomia profissional por parte de entidades reguladoras cuja legitimidade e competência para o fazer não está demonstrada.⁵

Posição do Colégio da Especialidade de Medicina Geral e Familiar

Perante as dúvidas e preocupações de muitos especialistas de MGF sobre o quadro atual de indicadores de desempenho nos CSP e, sobretudo, do uso que deles é feito, a Direção do Colégio da Especialidade de MGF da Ordem dos Médicos:

1. Reconhece a utilidade e importância do uso de indicadores de desempenho como instrumentos para apreciação de melhores cuidados de saúde aos cidadãos, bem como para a monitorização da prestação desses cuidados, numa perspetiva de melhoria contínua da qualidade.
2. Manifesta a sua preocupação pelo crescente desvio do foco no cidadão que as atuais metodologias de avaliação e utilização de indicadores acarretam.
3. Considera que a atual utilização dos indicadores, ainda que de forma insidiosa, distorce o exercício da Medicina Geral e Familiar no âmbito do Serviço Nacional de Saúde.

Tendo como base os pontos acima, a Direção deste Colégio recomenda:

1. A utilização de um número restrito de indicadores de acessibilidade para efeitos de avaliação do desempenho das unidades funcionais por parte da tutela.
2. O desenvolvimento de investigação sobre evidência e impacto em saúde dos indicadores existentes.
3. O incentivo à utilização pedagógica dos indicadores, que se devem assumir como auxiliares de melhoria contínua da qualidade e desenvolvimento para as unidades funcionais.
4. A identificação e teste de um conjunto restrito e relevante de alguns indicadores de resultados de saúde e de satisfação que permitam às equipas focar-se no essencial da sua missão.

Referências

1. Fraga da Costa, MC. Não há dias do ano para cumprir as normas da DGCS. *Rev Port Clin Geral* 1991; 8:278-80
2. Willis J. Giving doctors orders. *In* Friend in Low Places. Abingdon, Radcliffe Medical Press, 2001: 153-8.
3. Missão para os Cuidados de Saúde Primários. Indicadores de Desempenho para as Unidades de Saúde Familiar. Lisboa, Ministério da Saúde, 2006.



ORDEM DOS MÉDICOS

COLÉGIO DA ESPECIALIDADE DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR

4. Gawande A. Why doctors hate their computers. The New Yorker, 2018; In <https://www.newyorker.com/magazine/2018/11/12/why-doctors-hate-their-computers>.
5. Christmas S, Millward L. New medical professionalism – A scoping report for the Health Foundation. London, The Health Foundation, 2011:57-8.

Lisboa, 25 de Junho de 2020

A Direção do Colégio da Especialidade de Medicina Geral e Familiar

Aprovado por: Isabel Santos, Victor Ramos, Marta Dora Ornelas, Gonçalo Envia, Edite Spencer, Paulo Simões, Rute Teixeira, Elsa Pinho, Paulo Santos, Ana Luísa Bettencourt, António Romão, Ivo Reis, André Reis